

## Tramas Coloniais

### Episódio 6 - Quem manda no chão?

## Transcrição

[INÍCIO DO EPISÓDIO]

[ÁUDIO]

- Som de protesto.

[RAQUEL]

Desde o início dos anos noventa, toda quarta-feira é dia de protesto em Moçambique. Dezenas de homens e mulheres se reúnem pela manhã numa praça da Avenida 24 de Julho, na capital Maputo, e dali eles marcham até o edifício do Ministério do Trabalho. Isso acontece toda semana, há três décadas. A manifestação começa no que lá em Maputo eles chamam de Jardim dos Madgérmanes, ou Madgermânes. Madgermane é uma expressão da língua Changana, falada majoritariamente no sul de Moçambique, que significa “Aqueles da Alemanha”. Os Madgermanes são os quase 20 mil moçambicanos que, na virada dos anos 70 pros 80, foram enviados pra trabalhar nas fábricas da Alemanha Oriental. Era um acordo entre os governos socialistas dos dois países. A indústria alemã precisava de mão de obra, e oferecia pra essas pessoas bons salários e a chance de uma qualificação profissional. Só que nem tudo correu como previsto. Na maioria dos casos, os moçambicanos não receberam capacitação, foram usados pra fazer trabalhos pesados, e parte do salário ficou retida, com a promessa de pagamento na volta pra casa. A alegação é que esse pagamento nunca foi feito. E eles cobram, não só do governo alemão, mas também da Frente de Libertação de Moçambique, a Frelimo, o partido que conseguiu a independência do país em 1975 e continua no poder até hoje.

[ÁUDIO]

- No protesto, pessoas gritam “Frelimo não tem vergonha”.

[RAQUEL]

Essas pessoas que você tá ouvindo são mulheres e homens negros, com tambores, carregando faixas e gritando palavras de ordem contra a Frelimo. Muitos deles são envolvidos em bandeiras da Alemanha, usando camisas da seleção alemã de

futebol, e até levantando um estandarte da União Europeia. Parece meio estranho, né? Cobrar uma dívida dos europeus usando símbolos europeus?

## [MÚSICA]

### [RAQUEL]

Esse estranhamento tá no nosso olhar, no nosso jeito de ver as coisas. Mas você vai entender melhor, porque hoje a gente vai te levar pra dentro dessa manifestação. É como se você sentasse num banquinho daquela praça, e essas pessoas vão te explicar por que elas continuam protestando toda semana. Hoje a gente vai te contar histórias de Moçambique, da Costa do Marfim, da Namíbia, da fronteira entre Gana e Togo, dos rios que cruzam Gâmbia e Senegal... histórias simbólicas pros temas desse episódio: a terra, a imigração e o trabalho. A gente vai explicar por que essas questões foram tão centrais pros projetos de colonização europeia na África e falar sobre como esses projetos coloniais deixaram marcas profundas até os dias de hoje nas dinâmicas de posse e propriedade da terra, de movimentação de pessoas e nas relações de trabalho.

### [RAQUEL]

Eu sou a Raquel Sirotti, e esse é o Tramas Coloniais, um podcast sobre a história do colonialismo. Uma imersão no passado pra tentar entender o presente e, quem sabe, projetar o futuro. Em sete episódios, o nosso olhar se volta pro centro do mapa: a África.

## [JANAÍNA OLIVEIRA]

Episódio 6: Quem manda no chão?

### [RAQUEL]

Antes de te levar pro Jardim dos Madgermanes em Moçambique, a gente vai voltar pra Namíbia. No último episódio você conheceu Swakopmund, aquele balneário que parece o cenário de um filme colonial alemão. Agora você vai caminhar com a gente no cemitério da cidade.

## [GRAVAÇÃO EXTERNA]

- Laidlaw: Can we go there?

- Raquel: Yeah, sure.

### [RAQUEL]

Quem tá comigo é o Laidlaw Peringanda, lembra dele? É o criador do Museu do Genocídio em homenagem aos povos herero e nama, que foram massacrados pelo império alemão entre 1904 e 1907. A estimativa é que até 65 mil herero e 10 mil nama morreram no deserto da Namíbia, a maioria por sede ou envenenamento dos poços de água. Quando eu passei por Swakopmund, em fevereiro de 2024, o Laidlaw me levou até o cemitério, um lugar que ajuda a entender como ainda repercute no presente a questão da propriedade da terra. Principalmente a imposição do conceito europeu de propriedade, que exclui elementos espirituais e religiosos africanos. Logo na entrada já fica nítido o nível de segregação daquele espaço público.

### [GRAVAÇÃO EXTERNA]

- Laidlaw: You see the level of Injustice, you know, most of the graves here are from the soldiers...

### [RAQUEL]

À direita da entrada ficam os túmulos das famílias mais abastadas, na maioria alemãs e sul-africanas, e também dos soldados alemães que lutaram no extermínio dos herero e nama. São túmulos talhados em pedras nobres, que são sempre limpos, bem cuidados e com sinalização, cercados por palmeiras e árvores frondosas. Do lado esquerdo, o cenário é bem diferente: uma grande porção de terra arenosa, cheia de montinhos de pedras, a mais ou menos cinco metros de distância um do outro. Eu perguntei pro Laidlaw o que eram aquelas pedras.

### [GRAVAÇÃO EXTERNA]

- Raquel: And what is the meaning of the stones?

- Laidlaw: On older times, you know Hereros because they used to migrate when a grass finish. So they used to put stones at the grave. So that the one day when they come back they know that they buried the ancestors.

### [RAQUEL]

Ele me explicou que os herero migravam constantemente, então eles enterravam seus ancestrais e colocavam essas pedras pra facilitar a localização quando eles voltassem pra aquele lugar. Essa parte do cemitério tem dois memoriais. De um lado, uma pedra rústica de granito. Do outro, um mastro de uns 3 metros, rodeado por pedras cinzas escuras, com chifres e o crânio de um boi na ponta. Assim de

primeira pode parecer um terreno vazio, mas como o Laidlaw me disse, aquele é um local sagrado.

**[GRAVAÇÃO EXTERNA]**

- Laidlaw: So, it's a memorial.

- Raquel: It's here. Ok.

**[RAQUEL]**

Os descendentes dos herero da Namíbia, da África do Sul e de Botswana se reúnem naquele lugar todo ano, no dia 31 de Março, que foi o dia do fim do massacre em 1907.

**[GRAVAÇÃO EXTERNA]**

- Raquel: And usually, you come here, you pay homage.

- Laidlaw: Yeah, we can pay homage. And also we tell the history to the younger ones, you know.

**[RAQUEL]**

Mas apesar de ser uma terra sagrada, a luta pela preservação e pelo reconhecimento desse espaço é constante. Bem em frente ao cemitério ficam várias casas luxuosas habitadas por pessoas brancas. Os proprietários fazem pressão pras autoridades locais liberarem parte do terreno do cemitério pra outras construções. E o encanamento sanitário das casas costuma despejar os dejetos bem na área das covas.

**[GRAVAÇÃO EXTERNA]**

- Laidlaw: And also the thing is also from that house. Also, they have some pipes sometimes, you know the toilets overflow. And the whole shit is going inside of the graves.

- Raquel: Oh my God.

**[RAQUEL]**

E a violência não para por aí. Enquanto a gente tava andando, o Laidlaw me mostrou umas pegadas de cachorros. Porque os animais de estimação dessas casas também costumam invadir o cemitério pra cavar os montes de terra em busca de ossos.

### [GRAVAÇÃO EXTERNA]

- Laidlaw: Another thing is also, you know the dogs from these neighborhood several times they dig some of the graves and there you can see this is the dog's digging.

- Raquel: Ok, dogs digging to get the bones or whatever they...

- Laidlaw: There's quite a few footprints of dogs, you know.

- Raquel: Yeah.

### [RAQUEL]

A Gabriela Montoni vai chegar aqui no episódio pela primeira vez, porque quando ela ouviu essa gravação, ela lembrou imediatamente de um exemplo muito parecido no Brasil colonial.

### [MÚSICA]

### [GABI]

Oi, Raquel. Pois é. Impossível não lembrar do Cemitério dos Pretos Novos. Que na verdade nem era um cemitério, era uma vala perto do Cais do Valongo, no Rio de Janeiro, onde eram enterrados os africanos escravizados que não resistiam à travessia do Atlântico. Ali foram colocados os corpos de 20 mil a 30 mil escravizados. E em algum ponto do século 19, esse lugar virou uma espécie de lixão a céu aberto. Assim como os proprietários daquelas casas na Namíbia jogam os seus dejetos e permitem que os seus cachorros remexam as covas dos herero e dos nama, no Rio a sociedade também achava que podia jogar lixo onde tavam enterradas pessoas negras. Tanto que, nas escavações locais, pesquisadores frequentemente encontram peças de louça, ossos de galinha e outros resquícios de lixo doméstico.

### [RAQUEL]

É isso. Até hoje é preciso lutar pra desconstruir modelos europeus de regulação da propriedade e denunciar a raiz colonial e exploratória. Essa luta não é simples. Ali no cemitério, até os chifres de boi no mastro foram retirados pelos alemães. O próprio Laidlaw colocou de volta. E foi preso por isso.

### [GRAVAÇÃO EXTERNA]

- Raquel: And you said that the Germans wanted to take it away because they were offended by...

- Laidlaw: You know, the actually the bull horns was actually removed for two years.
- Raquel: And then you had to put it back again.
- Laidlaw: That's why I went to cover as part of a protest. And then I was arrested for that.
- Raquel: Really?
- Laidlaw: Yeah, I was arrested.

### [RAQUEL]

Tem sido assim desde os tempos da colonização. Nos projetos coloniais europeus a questão da terra foi uma preocupação primordial. E isso vai muito além da relação imediata das pessoas com espaços delimitados. Envolve o poder de quem desenha as fronteiras, a definição do que é propriedade, e o apagamento das questões espirituais. Mas primeiro, vamos abrir um mapa.

### [ÁUDIO]

Som de mapa se desdobrando.

### [MÚSICA]

### [RAQUEL]

Abre o seu mapa aí também, pode ser no celular. Você já reparou como os países colonizadores europeus são pequenos em extensão territorial? Se juntar Alemanha, França, Inglaterra, Portugal e Espanha, por exemplo, os cinco juntos caberiam dentro da Argélia. Ou do Sudão, ou da Líbia, ou da República Democrática do Congo. Adicionando o fato de que os biomas na África e nas Américas são muito ricos, dá pra entender como a terra se tornou um dos bens mais disputados nos processos de dominação colonial. No caso da África, quem vinha de fora tinha o discurso de que ali não existia a ideia de propriedade privada - e que na verdade os africanos nem sabiam o que era isso. Lembra do que a gente conversou no terceiro episódio, sobre Direito? Então...são os colonizadores impondo os seus conceitos e criando uma dualidade entre a propriedade privada - que seria o modelo entre aspas europeu - e a propriedade comunal, que seria o modelo entre aspas africano. O resultado disso foi a aplicação de sistemas racializados e segregacionistas de propriedade nas colônias: não-africanos geralmente detinham terras como propriedade privada, enquanto os africanos ou não se importavam com a propriedade de terras, ou mantinham as suas coletivamente, como membros de

comunidades costumeiras, ou "tribos". Pras autoridades coloniais, essa dicotomia entre o privado e o comunitário era vantajosa. Interpretando os sistemas africanos de propriedade como sendo comunitários, os colonos brancos ganhavam uma margem maior pra se apropriar, vender, comprar e controlar terras. Sem falar no apagamento de outras formas de propriedade que não percebem a terra como um bem material.

## [MÚSICA]

### [GABI]

No Brasil talvez você já tenha ouvido a expressão “Muita terra pra pouco índio”. Além do uso pejorativo do termo índio, em vez de indígena, essa expressão geralmente é dita por quem é contra a demarcação de terras pros povos originários. Na África, um equivalente disso é o conceito de “Terras vazias”. Esse conceito, que até recentemente também era bem difundido entre historiadores e antropólogos, parte do seguinte raciocínio: se existem grandes extensões de território com poucas pessoas pra fazer o cultivo, isso significaria que os africanos não dão muita importância pra propriedade privada da terra, ou que eles nem sequer entendem o que é isso. O problema é que essa visão exclui a importância da espiritualidade no uso do espaço. Eu vou te dar um exemplo. Tem uma região na África Ocidental conhecida como Senegâmbia. É a área ao redor dos rios Senegal e Gâmbia, onde hoje ficam esses dois países. Do fim do século 17 até o século 19, a dinâmica de ocupação da terra dessa região era determinada pela crença das populações locais. As pessoas ali acreditavam que espíritos habitavam algumas terras e que eles podiam ser vingativos se alguém se instalasse ali. Aí a solução era tentar negociar. Mas não era qualquer um que poderia fazer essa negociação. Pra ocupar um determinado lugar, caçadores, ferreiros ou líderes religiosos eram vistos como pessoas que tinham o poder de pacificar aquela terra antes da ocupação. Tinham que negociar com os espíritos pra transformar o espaço em algo habitável e liberado pro cultivo. Como “conquistadores” das “terras dos espíritos”, eles frequentemente assumiam o título de primeiros ocupantes ou “proprietários” daquela terra.

### [RAQUEL]

E aí, o que você acha: isso é uma forma de propriedade privada ou comunitária? É difícil de dizer, porque nesse, e em muitos outros casos, a definição passa por critérios completamente ignorados pelos europeus. Na região do Rio Gâmbia, por

exemplo, muitos habitantes eram muçulmanos. E aqui só um parêntese pra lembrar que essa África islâmica não tava só na margem próxima do Oriente Médio. Na verdade, o Islã é uma das principais religiões na África até hoje, com grande influência na cultura, na política, na economia e no direito desde a sua chegada, no século sétimo. Gâmbia tá no outro lado, virada pro Atlântico, e havia ali a crença nos jinns, um espírito animado, invisível e imortal, que para os muçulmanos daquela região poderiam ser bons ou maus. Essas pessoas acreditavam que os jinns habitavam as grandes árvores de algodão-seda conhecidas como bantango. A única figura que podia negociar com os jinns e controlar o acesso à terra era o marabout, um líder espiritual e mediador comunitário. A palavra "marabout" vem de uma expressão árabe que significa "aquele que está atado" ou "aquele que permanece firme". Ela pode assumir várias conotações dependendo da região, mas geralmente se refere a um homem que transita entre líder espiritual, professor do alcorão, curandeiro e mediador comunitário. Assim como os caçadores, ferreiros e líderes espirituais, os marabouts manipulavam crenças sobrenaturais em nome da "cura da terra". Como você já percebeu, o poder sobre a terra na bacia do rio Gâmbia tava intimamente ligado à religião. E com o tempo esse poder foi ficando cada vez mais islâmico. Pela capacidade de conquistar a terra dos espíritos, os marabouts eram os primeiros ocupantes. E como primeiros ocupantes, eles desempenhavam o papel de senhores daquelas terras. Então mais uma vez eu te pergunto: isso é propriedade privada ou comunitária? De uma forma ou de outra, dá pra cravar: os africanos tinham, sim, sistemas de propriedade complexos e variados. Nessas ocupações havia inclusive uma preocupação com o meio ambiente que não passava pela cabeça dos europeus. E aqui é importante a gente entender que esse esquema dualista de propriedade tá diretamente conectado à destruição do meio ambiente. Enquanto os colonizadores só queriam saber se a terra tava ocupada ou sendo usada pra agricultura ou pastagem, muitos africanos acreditavam que essas terras pertenciam aos jinns e a outros espíritos. Enquanto os europeus queriam dominar, mapear e se apropriar de qualquer terreno fértil, os africanos sabiam que algumas áreas deviam ser preservadas ou dominadas com muito cuidado.

## [MÚSICA]

## [ÁUDIO]

- Filme Emitai.
- Pessoas cantando.



### [RAQUEL]

Essa é uma cena do filme “Emitai”, de 1971, dirigido pelo cineasta senegalês Ousmane Sembène. A história se passa numa vila no sul do Senegal, durante a Segunda Guerra, com os africanos tentando resistir aos desmandos da colonização francesa.

### [ÁUDIO]

- Gritos de guerra. Pessoas correndo e gritando.

### [RAQUEL]

Os homens da vila descumprem a ordem de ir à Guerra, e as mulheres tentam esconder o arroz que seria usado pra alimentar as tropas. Uma das cenas mostra uma batalha dos senegaleses contra as autoridades coloniais, com flechas de um lado e tiros do outro.

### [ÁUDIO]

- Sons de tiros e flechas. Batalha com flechas e tiros.

### [RAQUEL]

Nas décadas anteriores à Segunda Guerra, a tentativa de dominação da terra nessa região gerou um episódio marcante na colonização francesa. Ali a imigração virou estratégia de resistência.

### [MÚSICA]

### [GABI]

A África Ocidental Francesa reunia oito territórios coloniais da França: Senegal, Costa do Marfim, Mauritânia, Níger, Sudão Francês (que é o atual Mali), Guiné Francesa (a atual Guiné), Alto Volta (atual Burkina Faso) e Daomé (atual Benin). Nessas colônias havia o imposto de captação, que cada indivíduo pagava pro governo colonial, independentemente da renda ou do patrimônio. Até as crianças a partir de 10 anos tinham a obrigação legal de pagar o tributo. Na Costa do Marfim, esse imposto foi introduzido em 1901. Só que bem ali do lado ficava a Costa do Ouro, onde hoje é Gana. Era uma colônia britânica encravada no meio dos territórios franceses. Na Costa do Ouro, o imposto de captação só passou a valer 35 anos depois, em 1936. E mesmo assim de um jeito mais leve. Pra evitar essa política tributária predatória, muitas populações da Costa do Marfim migraram pra Costa do

Ouro - e assim evitaram também o trabalho forçado, que já tinha sido abolido na colônia britânica. Resultado: pra conter esses fluxos migratórios, as autoridades coloniais da Costa do Marfim concordaram em fazer algumas reformas, que incluíam a redução dos impostos, o aumento dos salários e algumas medidas disciplinares pros chefes que praticavam abuso de poder.

### [RAQUEL]

O deslocamento de milhares de pessoas pra escapar de condições violentas e precárias foi um dos efeitos mais trágicos do colonialismo. Mas esse exemplo da Costa do Marfim, que também aconteceu em outras regiões da África, mostra que a imigração era uma maneira de combater a lógica colonial. E aqui a gente tá falando de cruzar fronteiras. O que leva a uma outra questão: quem definiu essas fronteiras e o que elas significam? Os cartógrafos europeus ignoravam as concepções locais de espaço e fixavam comunidades africanas em territórios específicos no mapa. As fronteiras criadas nesse contexto definiram padrões de habitação, limitaram ou expandiram oportunidades econômicas, enquadraram práticas culturais e linguísticas... Basicamente o domínio colonial criou uma nova estrutura geopolítica, e a partir dela os africanos tiveram que reorientar as suas vidas. Mas mesmo dentro desse sistema onde as populações locais tinham pouca ou nenhuma liberdade, sempre tinha alguma possibilidade de colocar em xeque as lógicas binárias coloniais. Tanto que até hoje muita gente mora em regiões fronteiriças e percebe esses limites de um jeito muito particular.

### [ENTREVISTA - EDEM ADOTEY]

All right, okay, that's fine. So I'm Edem Adotey, I'm a senior research fellow at the Institute of African Studies, University of Ghana. So I work on borders, I'm a historian. So I work on the Ghana-Togo border, trying to understand what the borders mean to the people.

### [RAQUEL]

Esse é o historiador Edem Adotey, professor do Instituto de Estudos Africanos na Universidade de Gana. Ele pesquisa fronteiras, especialmente entre Gana e Togo. Naquela região, você encontra comunidades ou até famílias que estão separadas pela divisão entre os países. O Edem me contou que às vezes dentro da mesma casa, a família almoça num país e dorme no outro.

### [ENTREVISTA - EDEM ADOTEY]

What you find is that you have communities or families that are separated by the border. Parts are in Togo and parts are in Ghana. And in some cases, it's so ridiculous that you have a house that is partly in Ghana and partly in Togo. So find somebody's bedroom in Ghana and the kitchen in Togo. So you have these instances where people primarily are torn between these two nation states as a result of the nature.

#### [RAQUEL]

Pois é, o quarto da casa fica em Gana, e a cozinha fica em Togo. Essas pessoas vivem numa outra lógica espacial. Elas não entendem o território de Gana e Togo como nações diferentes. Porque a vida, a família, os chefes tradicionais, as terras - nada disso faz parte dessa divisão. Mesmo que oficialmente elas estejam indo de um país até o outro, pra elas é só uma movimentação normal dentro do próprio território.

#### [ENTREVISTA - EDEM ADOTEY]

... basically every day, either to go to farms or to go to market, because in some areas they have rotating markets. In some communities, what they do is that they have markets that are fixed on certain days. So we do four days, let's say in Ghana, a community in Ghana. Then for the next four days, it goes to another community. And some of these communities are also involved with the Togolese community. So people go to those places to buy and sell. So what you find is that because they also have families on the other side, they also join them for either social or cultural activities such as naming ceremonies, funerals, festivals, and all these things. So people keep on crossing the borders every day.

#### [RAQUEL]

Ele explica que as pessoas circulam pelas fazendas, pelos mercados. E ali existem mercados móveis, que se instalam durante alguns dias numa comunidade em Gana, depois passam um período numa região em Togo. As pessoas ficam se movendo pra comprar e vender as suas coisas nesses mercados. Tem muita gente cruzando a fronteira diariamente. Gente que se enxerga com múltiplas nacionalidades. E isso cria um problema pros governos, que operam na lógica dos estados europeus e sempre querem encaixar os habitantes dentro dessa lógica.

#### [ENTREVISTA - EDEM ADOTEY]

... they tend to see themselves as people who possess dual nationalities or multiple nationalities because they straddle the borders, which creates problems for the state because they want to put people in a particular box. And we've had instances where these people are called aliens and some have been prevented from accessing certain facilities here. And we've had instances where these people are called aliens and some have been prevented from accessing certain facilities here. Even when it came to registration for elections in some communities, some people were prevented from doing that because they were regarded as aliens because they live on the other side and all that. So the attentions around who they are and what they can and cannot bring across the border because of the borders and the spaces that they've been boxed into.

### [RAQUEL]

Ele usa a expressão “alien” no sentido de estrangeiro. Em alguns lugares as pessoas são consideradas estrangeiras e impedidas de entrar. Isso se reflete até nas eleições das comunidades, pra saber onde cada um tem que votar. Mesmo assim, elas continuam circulando e cruzando a fronteira. Porque a vida tá nos dois lados.

### [ENTREVISTA - EDEM ADOTEY]

And as far as they are concerned, their lives are in both states. So they do not see anything wrong with going back and forth and accessing some of these resources. And what you'll find in some of the communities that they actually even come together to put together, to put up certain social facilities like schools. So these schools are owned by both communities because they know that both of them are going to use it.

### [MÚSICA]

### [RAQUEL]

Em muitos casos as fronteiras eram e ainda são fluidas. Os europeus criaram os mapas e as estratégias coloniais, mas esse processo foi tortuoso e atravessado pela resistência de milhares de africanos e africanas.

### [ÁUDIO]

- Protesto na praça, pessoas gritando “Frelimo rouba votos, doa a quem doer”.

### [RAQUEL]

Falando em resistência de africanos e africanas, chegou a hora de conhecer melhor aquelas pessoas lá do início do episódio, que protestam em Moçambique toda semana há três décadas. Esse é o efeito grave de um fluxo migratório, uma migração laboral, de quem buscava condições melhores de trabalho, mas acabou tendo seus direitos negados. Agora vamos voltar pra Maputo.

### [ÁUDIO]

- Som do protesto.

### [RAQUEL]

Em novembro de 2023, eu estive no Jardim dos Madgermanes com a Karolyne Mendes e com o Mauro Manhenguele, que já apareceram nos episódios anteriores e fizeram a pesquisa do podcast comigo.

### [GRAVAÇÃO EXTERNA]

- Raquel: Como é o nome do senhor?

- Jorge: Eu chamo-me Jorge Chambe.

- Raquel: Jorge. Bom, eu sou a Raquel, essa é a Karolyne, esse que tá vindo aí é o Mauro, nós somos brasileiras, o Mauro é moçambicano, nós trabalhamos juntos em um instituto de pesquisa na Alemanha.

### [RAQUEL]

Ali na praça a gente conversou com quatro trabalhadores moçambicanos que tavam entre aqueles 20 mil enviados pra Alemanha Oriental ao longo dos anos 80.

### [GRAVAÇÃO EXTERNA]

- Jorge: Eu chamo-me Jorge Chambe, nascido em 7 de maio de 1963.

- Constantino: Eu chamo-me Constantino Manuel Schlingemann, eu sou o porta voz do grupo. Fui à Alemanha em 1987, no dia 3 de janeiro. E voltei da Alemanha em 1990, em novembro, dia 17. Trabalhei em Berlim e Hall.

- Raquel: E a senhora pode falar o nome da senhora?

- Maria: Maria Joana.

- Raquel: E pra onde a senhora foi?

- Maria: Eu estive em Dresden.

- Raquel: Em Dresden também?

- Maria: Dresden, Neugersdorf.

- Raquel: E por quanto tempo a senhora ficou?

- Maria: Quatro anos.

- Agostinho: Eu chamo-me Agostinho Manoel. Saí aqui de Moçambique no dia 30 de junho de 1980, no destino da província de Dresden. Então isso é uma empresa de fundação de ferro e laminagem. Pronto, quatro anos estive no estudo, qualificação profissional, acabei, entrei já na prática, nas atividades laborais até 1985. Voltei aqui a Moçambique em termos de férias, a empresa é que pagou a viagem de Alemanha para Moçambique.

**[RAQUEL]**

Até ali, tudo certo. Mas na hora dos pagamentos, um detalhe já chamava a atenção do Agostinho.

**[GRAVAÇÃO EXTERNA]**

- Agostinho: No meu salário saía, portanto, 25% descontados para Moçambique, como eles diziam, para que quando eu voltasse, recebesse esses valores. Mas o que acontece? Esse dinheiro todo nem cheguei a ver.

**[RAQUEL]**

Esses descontos no pagamento faziam parte do acordo entre os governos de Moçambique e da Alemanha. Com a queda do Muro de Berlim em 1989, quase todos os contratos foram rescindidos, e os trabalhadores que ainda estavam na Alemanha retornaram. O combinado era que esse valor descontado nos salários seria depositado em contas bancárias que eles poderiam acessar na volta pra casa. É esse dinheiro que eles cobram até hoje nos protestos no Jardim dos Madgermanes. Como explica o Constantino:

**[GRAVAÇÃO EXTERNA]**

- Constantino: Estava oculto é que nós fomos para lá com o contrato que dizia que era para trabalho e formação profissional durante quatro anos, mas o que não foi. O que foi é que nós íamos pagar uma dívida deste país.

- Raquel: E daí vocês descobriram isso lá ou quando vocês voltaram cá depois?

- Constantino: Descobrimos agora, após termos regressado.

- Raquel: Depois de regressar, claro.

**[RAQUEL]**

Essa dívida foi contraída com a Alemanha Oriental quando Moçambique recebeu armas pra lutar contra os portugueses na guerra de independência nos anos 60 e 70.

### [GRAVAÇÃO EXTERNA]

- Agostinho: Então, proclamada a independência, ficou uma dívida de 240 milhões de dólares, naquela altura, e é essa dívida que nós fomos pagar lá.
- Raquel: E quem propôs o pagamento da dívida com o trabalho foi o governo alemão? A proposta sai deles?
- Constantino: Não, não, acho que saiu daqui, saiu daqui.
- Karolyne: Mas o governo alemão...
- Raquel: Aceitou.
- Karolyne: Aceitou.
- Constantino: O governo alemão aceitou, é cúmplice.

### [RAQUEL]

Então a Frelimo, que tá no poder até hoje, usou parte dos salários dos trabalhadores moçambicanos pra pagar a dívida.

### [GRAVAÇÃO EXTERNA]

- Agostinho: Um grupo de pessoas não tem direito de pagar a dívida de um país.

### [RAQUEL]

O Agostinho lembra que nada disso tava previsto no contrato.

### [GRAVAÇÃO EXTERNA]

- Agostinho: Nós não assinamos nenhuma parte que diz respeito: vocês, quando vão para lá, terão que ser descontados isto, isto e isto. E vocês têm direito de receber isto, isto e isto. E por essa razão, considera-se escravatura.

### [RAQUEL]

Até porque eles também tinham os passaportes retidos e ficavam só com um documento de salvo-conduto, que permitia circular pela Alemanha Oriental, mas não deixava eles saírem do país. E como lembra o Constantino, era uma experiência que na teoria tinha tudo pra ser perfeita, né: eles tavam saindo de um país em crise pra aproveitar uma boa oportunidade de trabalho num lugar que tinha condições bem melhores.

### [GRAVAÇÃO EXTERNA]

- Constantino: É preciso a gente falar, né? Estávamos a sair de um país pobre, onde não havia pão, onde não havia sapato, onde não havia roupa, não havia nada. Estávamos em um país de fome, miséria, era tudo. Então, chegamos num país onde ficamos por muito tempo sem haver falta de água, sem haver falta da corrente elétrica, sem haver falta de pão, sem haver falta de tudo que você queria. Naquela altura, diziam que não era coisa de qualidade, mas para nós estávamos a sair de um país do terceiro mundo, era um paraíso.

### [RAQUEL]

Um paraíso que não se concretizou.

### [GRAVAÇÃO EXTERNA]

- Agostinho: A vida era mais ou menos, só que nós não sabíamos que aquilo ali era escravatura.

### [RAQUEL]

E pouco se fala das mulheres que foram pra Alemanha. Por isso a surpresa quando a gente encontrou a Maria Joana ali na praça.

### [GRAVAÇÃO EXTERNA]

- Raquel: É, porque como a gente falou, a gente só entrevistou homens, né, a gente só sabe a história dos homens que foram para a Alemanha, a gente não sabia que mulheres também foram, foram muitas mulheres?

- Maria: Muitas, muitas.

- Raquel: E a senhora foi lá pra trabalhar com o que? Que tipo de trabalho?

- Maria: Como operária mesmo.

- Raquel: E tiveram muitas mulheres que foram com a senhora também? Ou eram muito mais homens do que mulheres?

- Maria: Sim, no meu internato eram 22 homens e 16 mulheres.

- Maria: Nós pensávamos que quando voltarmos, havíamos de ter emprego, realizarmos o que nós fomos aprender lá. Mas nada.

- Mauro: E como tem sido a sua participação durante cerca de 33 anos numa manifestação que vocês fazem todas as quartas-feiras e esse movimento que vocês criaram em Moçambique, que é o maior movimento de manifestação que nós temos?



- Maria: É sofrimento. Eu já gastei, não sei se quantos sapatos nessas marchas. Muitos morreram. É sofrimento.
- Raquel: A senhora tem esperança?
- Maria: Ah, mas tenho.
- Raquel: Tem esperança?
- Maria: Trabalhei. Quando eu morrer, os netos de onde ficarem hão de ter, não sei. Estamos a ir e já não aguentamos nada. É triste.
- Raquel: É muito duro, né, uma luta muito dura.
- Maria: É triste.

## [MÚSICA]

## [RAQUEL]

Resumindo, o que parecia ser um paraíso virou um pesadelo. Em vez da qualificação profissional, muitos foram usados como mão de obra barata, fazendo o trabalho duro de carregar carvão, apertar parafusos e cavar fossas. Viviam em alojamentos precários e tinham que cumprir um toque de recolher a partir de uma certa hora. Ouviam comentários racistas o tempo todo, principalmente nas cidades do interior. As mulheres que ficavam grávidas eram deportadas. E os salários ainda eram descontados pra quitar a dívida do governo. As autoridades moçambicanas alegam que já pagaram tudo que deviam aos trabalhadores, e a Alemanha já acenou com a possibilidade de conceder indenizações. O assunto é discutido no parlamento, mas até agora nenhuma solução foi dada. Ainda assim, os manifestantes carregam bandeiras alemãs, lembra que eu falei isso lá no começo? Pra quem olha de fora, isso pode causar um certo estranhamento: ué, eles não tão protestando contra a Alemanha? Sim, mas essa é uma maneira de eles se unirem numa identidade. Eles são os Madgermanes, “os da Alemanha”, os que foram pra Alemanha. É um jeito de mostrar pras pessoas quem eles são, unidos naquela experiência de vida e naquele protesto. É só mais um exemplo aqui no Tramas Coloniais de que cada povo tem a sua maneira de olhar o mundo e interpretar os símbolos. Essa migração laboral de 20 mil pessoas indo pra Alemanha Oriental acontece na primeira década de independência de Moçambique, que ficou livre do domínio português em 1975. Mas muito antes disso o trabalho já era visto como um bem material muito valioso e necessário para os europeus. E aqui a gente nem tá falando da escravização, que pelo menos na teoria já tava abolida nas colônias europeias desde o fim do século 19. A gente tá reforçando essa questão da teoria aqui porque os estados colonizadores europeus, mesmo depois da abolição, não deixaram só na mão do

mercado a responsabilidade de garantir o fornecimento e a disciplina da mão-de-obra. Eles criaram mecanismos pra legalizar o trabalho forçado, alegando que o trabalho ia retirar os africanos da “ociosidade” e do estado de “subdesenvolvimento” em que eles viviam. Cada território africano foi submetido a políticas diferentes. Mas dá pra dizer que, de alguma forma, todos foram alvos de medidas que tornaram o trabalho obrigatório. Moçambique esticou ainda mais essa corda, porque foi a única colônia portuguesa com boa parte das suas terras gerenciadas por empresas privadas, as chamadas “companhias majestáticas”.

## [MÚSICA]

### [GABI]

Uma companhia majestática é uma empresa internacional de capital aberto, ou seja, a sede dela é no país onde ela foi constituída, nesse caso em Portugal. Mas os acionistas que investem e recebem dinheiro podem ser de qualquer outro lugar. Essas empresas tinham a autorização do governo pra exercer em Moçambique atividades típicas do Estado: cobrar impostos, construir escolas, instalar bancos, gerenciar a sua própria força policial, criar leis e regulamentos. Além disso, elas tinham direito de posse sobre toda a terra dentro da concessão, e podiam regular o trabalho dos habitantes. Assim os estados barateavam o custo da ocupação do território, e ao mesmo tempo garantiam lucros pros cidadãos delegando essa missão às empresas. Estado e iniciativa privada atuavam lado a lado, e muitas vezes se confundiam. Fazendo um paralelo com o Brasil, vale lembrar que, em 1630, a Companhia das Índias Ocidentais, uma empresa holandesa, tomou dos portugueses o território de Pernambuco e, em seguida, a área onde hoje ficam Paraíba, Rio Grande do Norte e Alagoas. Essa região era crucial na produção de açúcar, e os holandeses permaneceram ali por 24 anos. Em 1899, Portugal publicou o Regulamento do Trabalho dos Indígenas. Foi o resultado de um estudo de dois anos pra criar meios eficazes de obrigar os nativos a trabalhar, sem que ficasse caracterizada a escravidão, que já tava oficialmente abolida. O artigo primeiro já deixava bem claro:

### [CAIO SANTOS]

Todos os indígenas das províncias ultramarinas portuguesas estão sujeitos à obrigação, moral e legal, de procurar adquirir pelo trabalho os meios que lhes faltem, de subsistir e de melhorar a própria condição social. Têm plena liberdade para escolher o modo de cumprir essa obrigação...

**[GABI]**

Mas...

**[CAIO SANTOS]**

... se não a cumprirem de modo algum, a autoridade pública pode impor o seu cumprimento.

**[RAQUEL]**

Pronto, tava legalizado o trabalho forçado. E em Moçambique, as companhias majestáticas tinham mais liberdade pra interpretar o regulamento do seu jeito. A Companhia do Niassa, que colonizou a região Norte do país entre 1891 e 1929, fez da exploração do trabalho africano a sua principal fonte de renda. A ferramenta pra conseguir isso foi o chamado Imposto de Palhota. As palhotas eram as casas onde os africanos viviam. Com o aumento progressivo do imposto, muitos se endividaram e tiveram que se submeter ao trabalho forçado pra pagar essas dívidas. Aqui a gente volta à questão que o Agostinho levantou lá no Jardim dos Madgermanes: isso é trabalho livre ou escravidão?

**[MÚSICA]**

**[RAQUEL]**

O tráfico de pessoas entre os séculos 16 e 19, o trabalho forçado na primeira metade do século 20, a migração laboral dos séculos 20 e 21... tudo isso só foi possível devido à criação de conexões entre partes do mundo repetidamente definidas como desiguais e devido ao aumento proposital dessas desigualdades. Na África, com projetos coloniais tão recentes, você esbarra nessa memória em cada esquina. O simples ato de pegar um táxi pode até começar com um papo inofensivo sobre a temperatura...

**[GRAVAÇÃO EXTERNA]**

- Taxista: Já começou! Amanhã vai subir a temperatura.

- Raquel: Ah, que bom!

- Taxista: Vai subindo cada dia que passa.

**[RAQUEL]**

... mas aí a gente descobre que o taxista já morou na Alemanha, na mesma cidade onde os Madgermanes Agostinho e Maria Joana foram trabalhar...

### [GRAVAÇÃO EXTERNA]

- Taxista: Você já esteve na Alemanha uma vez?
- Raquel: Eu moro na Alemanha.
- Taxista: Mas onde na Alemanha?
- Raquel: Em Frankfurt.
- Taxista: Frankfurt. Eu morei por dois anos.
- Raquel: Olha só, onde?
- Taxista: Em Dresden.
- Raquel: Em Dresden?
- Karolyne: Sério?
- Raquel: Olha só. Você gostava?
- Taxista: Gostei.
- Taxista: Se eu tiver, por exemplo, alguém que me pague uma viagem pra Alemanha...
- Raquel: Você ficaria por lá?
- Taxista: Não ficaria por lá não... mas posso visitar, posso ficar algum tempo.
- Raquel: Pode visitar.
- Karolyne: Mas morar não é bom?
- Taxista: Morar lá?
- Karolyne: O que o senhor acha?
- Taxista: Não.
- Karolyne: Não, é verdade.
- Taxista: Não.

### [RAQUEL]

Do nada, a gente tá numa conversa sobre terra, imigração e trabalho.

### [GRAVAÇÃO EXTERNA]

- Taxista: Eu vi a queda do muro de Berlim.
- Karolyne: Sério?
- Taxista: A unificação.
- Raquel: E o senhor foi pra lá pra trabalhar, pra visitar alguém?
- Taxista: Sim, eu estava numa empresa de montagem de máquinas agrícolas.

### [RAQUEL]

O taxista não só migrou pra trabalhar nas fábricas alemãs, mas antes disso também viveu na infância o período colonial em Moçambique.

### [GRAVAÇÃO EXTERNA]

- Taxista: Porque eu nasci em 1963.
- Raquel: Ah, então o senhor pegou justo essa transição, né?
- Karolyne: Como era? O senhor tem essa memória?
- Taxista: Como era... era difícil viver aqui como moçambicano. Havia leis muito renhidas aqui. O trabalho era forçado, muito forçado aqui. E tudo era forçado e pagava-se muito pouco. Pagava-se muito pouco.

### [RAQUEL]

Tá aí um exemplo de alguém que experimentou na prática boa parte do que a gente falou nesse episódio. Mais do que nos arquivos cheios de livros e documentos, é nesse contato cotidiano com as pessoas que a gente percebe como muitos moçambicanos e moçambicanas sentem na pele os efeitos do colonialismo. Eles cresceram com as histórias da escravidão, sentiram o peso do trabalho forçado, sofreram com as restrições de movimento impostas pelas fronteiras coloniais. Ou seja, tudo aquilo que disseram pra eles que eles nunca mais precisariam vivenciar.

### [GRAVAÇÃO EXTERNA]

- Taxista: Se quiserem me levar, me leve pra Alemanha.
- Raquel: A gente pode trocar. A gente fica em Moçambique e o senhor volta pra Alemanha.
- Taxista: Então, trate lá isso.
- Raquel: É, pode ser?
- Taxista: Posso guardar as vossas economias lá.
- [risos + som ambiente do carro]

### [RAQUEL]

A gente falou bastante hoje sobre o protesto que acontece em Moçambique há três décadas. Mas antes de terminar, eu preciso te lembrar que, no momento em que esse episódio é publicado, no início de novembro de 2024, Moçambique vive uma convulsão social.

### [ÁUDIO]

- Som dos protestos.

### [RAQUEL]

A capital Maputo foi tomada por manifestações lideradas por Venâncio Mondlane, o candidato de oposição que perdeu a eleição presidencial em outubro. O vencedor foi o Daniel Chapo, da Frelimo. E como eu falei algumas vezes nesse episódio, a Frelimo tá no poder há meio século, desde a independência em 1975. O Mondlane contestou o resultado da eleição alegando que houve fraude. E convocou o povo.

### [ÁUDIO]

Mondlane: A nossa indignação vai deixar de ser nas matas. Vai ser na cidade de Maputo. Na capital.

### [RAQUEL]

A população foi pra rua, montou barricadas, botou fogo em pneus...

### [ÁUDIO]

Manifestante: Há cerca de 50 anos estamos a ser mal governados. Estamos na miséria. Enquanto o povo sofre, os governantes estão em cima. Os hospitais são uma porcaria, a polícia é uma porcaria, os grandes corruptos, assassinos! O povo moçambicano está a sofrer!

[Depois disso entra a locução da Raquel por cima do som dos protestos, e segue o arquivo]

### [RAQUEL]

E a reação da polícia foi violenta. Pessoas morreram, pessoas ficaram feridas, pessoas foram presas...

### [ÁUDIO]

Polícia atirando e as pessoas dispersando.

### [RAQUEL]

Talvez você não saiba desses detalhes, porque no Brasil se noticia muito pouco o que acontece na África. Não é como a eleição dos Estados Unidos, que domina o noticiário brasileiro. E esse é um dos objetivos do Tramas Coloniais: olhar pro continente africano e entender a importância dele. Então fica essa sugestão: se as notícias de Moçambique e de outros países não tão chegando pra você na televisão,

nos portais, nas redes sociais... faz uma busca na internet, procura se informar. E espalha a palavra por aí.

### [MÚSICA]

Tema de encerramento.

### [JANAÍNA OLIVEIRA]

No próximo e último episódio do Tramas Coloniais...

### [ÁUDIO]

Som de TV ligando.

### [ÁUDIO]

- Apresentadora: E vamos agora ao noticiário internacional. A Alemanha devolveu cerca de 20 objetos roubados da Nigéria. As peças são uma ínfima parte das obras saqueadas 100 anos atrás por tropas coloniais britânicas.

### [ÁUDIO]

Som de TV desligando.

### [RAQUEL]

Eu vou te levar pra dentro de um museu. Pra te mostrar objetos sagrados... e roubados.

### [GRAVAÇÃO EXTERNA]

- Raquel: ... e uma informação sobre quem coletou ele na Nigéria. A gente não sabe muito a história de violência e de roubo que está por trás da existência desses objetos aqui, né.

### [RAQUEL]

Um episódio sobre memória e reparação. Pra gente observar o presente e pensar no futuro.

### [MÚSICA]

Segue o tema de encerramento.

### [CRÉDITOS]

Tramas Coloniais é um podcast documental em sete episódios, com realização da produtora Escuta Aqui, e apoio do Instituto Max Planck de História e Teoria do Direito, Departamento Regimes Históricos de Normatividade. Em [tramascoloniais.com.br](http://tramascoloniais.com.br) você pode se aprofundar no conteúdo dos episódios, com fotos, vídeos, entrevistas, indicações de livros e bastidores da produção. Você também encontra a gente buscando por Tramas Coloniais no Instagram, no TikTok e no Bluesky. A idealização do podcast é da Raquel Sirotti e da Fernanda Thomaz. As pesquisas e as entrevistas são da Raquel e da Fernanda, com o auxílio do Mauro Manhanguete, da Karolyne Mendes e da Bianca Silva. A Raquel faz a produção e apresenta o podcast, acompanhada pela Gabriela Montoni. As locuções adicionais são da Janaína Oliveira e do Caio Santos. As gravações de campo e as fotografias são do Marcelo Londoño. A direção geral do podcast é do Rodrigo Alves, que sou eu, e eu também escrevo os roteiros. A supervisão dos roteiros é da Gabriela Montoni e do Thales Ramos. A Clara Costa é responsável pela edição e pelo desenho de som. A assistente de edição é a Giovanna Orsini. A trilha sonora do podcast é original, composta pelo Gabriel Falcão. As locuções são gravadas no Estúdio Rastro, no Rio de Janeiro, com a supervisão técnica do Danny Dee. E a gente recebeu uma consultoria de locução do Tiago Rogero. A identidade visual e as ilustrações são da artista Mayara Ferrão. O site foi desenvolvido pela Mariana Tavares. E a Emily Sabino cuida da distribuição e da produção nas redes sociais. Você gostou do episódio? Conta pra gente nas redes, compartilha com quem você acha que vai gostar, espalha o conteúdo por aí, e muito obrigado pela escuta.

**[FIM DO EPISÓDIO]**